



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/escola-comunitaria/>

Escola Comunitária: gerar conhecimento coletivo a partir de estudo do meio e pesquisa-ação como ferramenta para ativismos urbanos

Fernanda Eiras Rubio [1]

Pedro Luiz Stevolo [2]

Fabio Pereira dos Santos [3]

RESUMO: O presente artigo apresenta a experiência do coletivo Grupo de Estudos dos Rios da Aclimação e Região (GERAR) no município de São Paulo com atuação orientada para o fortalecimento do engajamento e participação comunitária, no âmbito do projeto Escola Comunitária, de modo a possibilitar a construção coletiva da compreensão do território e suas dinâmicas, seus problemas e desafios comuns a partir das águas urbanas da região. Por meio da experiência em Pesquisa-Ação analisa-se os limites e possibilidades da participação como indutor de processo educativo e mobilizador para as lutas urbanas.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo urbano. Águas urbanas. Pesquisa-Ação.

Community School: Generating collective knowledge from the Study of the Environment and Action Research as a tool for Urban Activisms

ABSTRACT: This article presents the experience of the collective Group of Studies of the Rivers of the Aclimação and Region (GERAR) in the city of São Paulo with activities aimed at strengthening community engagement and participation, within the scope of the Community School project, in order to enable the construction collective understanding of the territory and its dynamics, its common problems and challenges from the urban waters of the region. Through experience in Action Research, we analyze the limits and possibilities of participation as an inducer of the educational process and mobilizer for urban struggles.

KEYWORDS: Urban activism. Urban waters. Action Research.



Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra.

(Bell Hooks)

1. ESCOLA COMUNITÁRIA – GERAR: Pesquisa-Ação coletiva para investigação de rios urbanos e dinâmicas socioterritoriais

A Escola Comunitária - Integração Escola e Comunidade [4] é um trabalho independente de pesquisas e experimentações atuando desde 2016 no bairro da Aclimação em São Paulo, buscando transformações positivas com parcerias e colaborações. As ações transitam pelos pilares da arte, educação, território e sustentabilidade, exercitando a construção de uma cidadania participativa de modo a contribuir para o desenvolvimento local. O objetivo do projeto é promover processos de engajamento e aprendizagem não-formal com enfoque para o desenvolvimento local através de Pesquisa-Ações, mobilizando pessoas da comunidade para a realização de atividades coletivas como mutirões, oficinas, estudos do meio e debates, nas quais fomenta-se a aproximação entre escolas públicas da região da Aclimação e comunidade local para compreender as necessidades do território e assim pensar caminhos possíveis de melhorias, dialogando de forma autônoma como também inserindo-se e participando de processos nas políticas públicas.

A participação social e aprendizagem coletiva (Gohn, 2014; Pateman, 1992) tem papel fundamental no ativismo, insurgências e lutas urbanas (Harvey, 2014). São processos na construção do conhecimento na luta pelo Direito à Cidade (Lefebvre, 2008) e Bens-Comuns ou *Commons* (Hardt & Negri, 2018) [5]. O pressuposto aqui estabelecido é, conforme Carole Pateman (1992), que a principal função da participação é educativa, ou seja, a partir da mobilização de indivíduos em processos coletivos é possível a construção do conhecimento e visão crítica para as lutas sociais, bem como “quanto mais os indivíduos participam, melhor capacitados eles se tornam para fazê-lo” (Pateman, 1992. p. 61).



De acordo com David Tripp (2014), a Pesquisa-Ação situa-se entre a prática rotineira e a pesquisa científica. Embora tenda a ser pragmática, ela se distingue pelo exercício de reflexão orientada sobre a prática, e limita a análise científica pelo contexto ético da participação e engajamento entre sujeitos.

Neste contexto, o Grupo de Estudos dos Rios da Aclimação e Região (GERAR) [6] constitui-se em um coletivo de Pesquisa-Ação e Ativismo Urbano formado por moradores dos bairros da Aclimação e Cambuci com diferentes formações e áreas de atuações – artes, história, pedagogia, cenografia, urbanismo, ciências sociais, física, filosofia, letras, geografia, audiovisual, teatro, educação ambiental, arquitetura, química, gestão ambiental, entre outros - mas com o interesse comum de Estudo do Meio, por meio da construção colaborativa e troca de experiências e percepções, a partir da investigação dos cursos das águas urbanas e suas interrelações com o processo de ocupação e dinâmicas sociais e ambientais.

A criação do GERAR se deu a partir de uma chamada pública em maio de 2020, início da pandemia de do novo Coronavírus, pela Escola Comunitária como estratégia de encaminhar os estudos interdisciplinares e transversais sobre essa temática no período de isolamento social, onde as possibilidades de atividades e práxis do projeto se tornam limitadas, porém ainda com esta oportunidade de trabalhar os *comuns* do bairro como uma Comunidade de Aprendizagem (TORRES, s/d) e através da Multiterritorialidade (Haesbaert, 2004) formando um grupo para pesquisas e atuações educativas sobre os córregos ocultos da região da Aclimação em São Paulo entre vizinhos de diversas áreas de saberes.

O coletivo estabelece, então, a investigação dos rios urbanos como tema gerador para o processo dialógico em que todos são educadores-educando e educando-educadores (Freire, 1970) e tem por objetivo comum a construção coletiva da compreensão do território e suas dinâmicas, seus problemas, desafios e possibilidades.



No contexto da cidade de São Paulo, que cresceu muito rápido e sem um planejamento significativo na maioria de seus bairros e regiões, onde a produção do espaço urbano se desenvolve entorno de um modernismo que exclui a grande parte de sua população:

A ecologia social se baseia na convicção de que quase todos os nossos atuais problemas ecológicos se originam de problemas sociais profundos. Segue-se, a partir dessa perspectiva, que estes problemas ecológicos não podem ser entendidos, e muito menos resolvidos sem uma cuidadosa compreensão da nossa sociedade tal como ela existe, bem como das irracionalidades que a dominam. Para tornar este ponto mais concreto: conflitos econômicos, étnicos, culturais e de gênero, entre muito outros, estão no âmago dos mais sérios problemas ecológicos que enfrentamos hoje – com exceção, por óbvio, daqueles que são produzidos por catástrofes naturais (Bookchin, 2007:19 *apud* Souza, 2019, p. 111).

Com esta perspectiva de uma educação dialógica trazendo a Ecologia Social como uma ecologia política, estabelecendo essa cuidadosa compreensão a partir das questões sociais que afetam as próprias dinâmicas nos territórios e comunidades na cidade com o resultado dessa produção do espaço urbano predatória e elitista, a qual o domínio e uso dos espaços visam o lucro e não a qualidade de vida da maioria das pessoas que na região convivem. Quando os recursos naturais, como a água, não podem ser utilizados de modo a gerar lucro, estes mesmos são ignorados, reduzidos, limitados, abandonados, poluídos e desnaturalizados.

O presente ensaio relata a experiência inicial do GERAR, bem como identificar limites e potencialidades, no âmbito da Pesquisa-Ação, a partir do processo de mobilização e engajamento dos participantes para a construção do conhecimento acerca das questões socioambientais do bairro e proposições de atuações para o ativismo e lutas urbanas.



2. GERAR: método e experiência

O primeiro desafio do GERAR foi a mobilização, engajamento e construção de uma proposta inicial coletiva de atuação. Quem são os participantes do grupo? Quais os interesses de cada integrante e quais interesses convergem para uma atuação comum-coletiva?

Posto que o tema gerador estabelecido para a mobilização dos integrantes do grupo é a investigação das águas urbanas – ocultas ou perceptíveis, outros pontos de interesse são estudo de como estes cursos d'água no processo de formação da ocupação urbana influenciou e ainda influencia (ou se ainda exerce influência) a composição da paisagem, bem como quais dinâmicas sociais e ambientais são identificáveis no território a partir deste tema gerador.

Cabe destacar o conceito norteador de território, conforme Milton Santos (1997), como produto da ação de diversos grupos sociais atuantes no espaço geográfico (e social), que interagem entre si e com o meio físico – no processo das interações sociais para efeito das atividades produtivas e da vida em sociedade (Santos, 1997).

Para além dos pontos de interesse de estudo, a proposição inicial de atuação do grupo abrangeu as seguintes ações:

- Levantamento, discussão e compilações de informações a respeito do tema – considerando literatura disponível e bases de dados públicas – tal atividade foi a priorizada no contexto de maior criticidade da pandemia de Covid-19;
- Visitas de campo em percursos pré-estabelecidos – quando o contexto da pandemia de Covid-19 permitiu, adotando-se os devidos cuidados para a preservação da saúde dos integrantes;



- Ações de Ativismo Urbano – com vistas à sensibilização e engajamento da comunidade sobre o tema dos rios ocultos e suas inter-relações sociais e ambientais.

Ainda no contexto da organização das atividades, foi necessário estabelecer um perímetro referencial de estudos. Inicialmente a abrangência do recorte territorial contempla os bairros da Aclimação, Cambuci, Liberdade e Jardim da Glória, bem como localidades do entorno, o ponto central de referência para este mapeamento é o lago do Parque da Aclimação que recebe as águas do Córrego Jurubatuba e do Córrego Pedra Azul, desaguando depois para o Córrego Cambuci que é afluente do Rio Tamandateí.

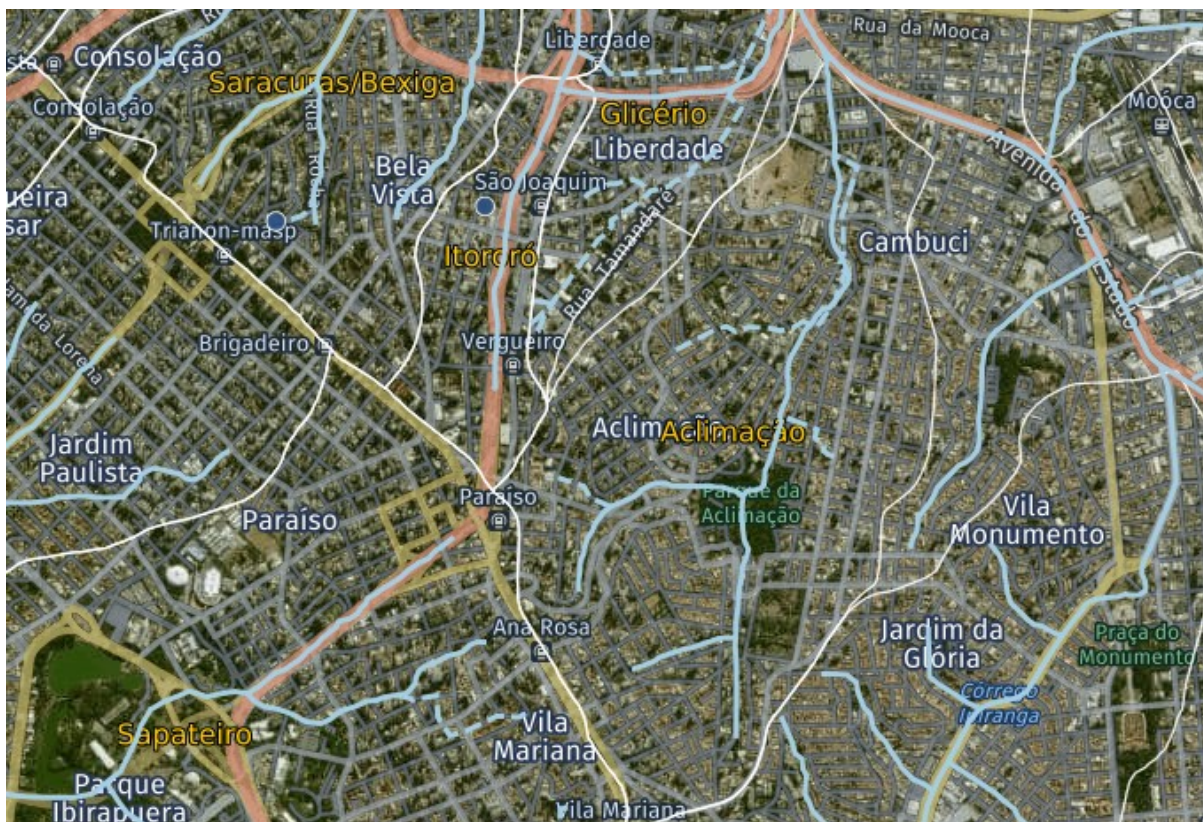


Figura 1 – Área de referência de estudos do GERAR e rede hídrica mapeada
Fonte: Imagem produzida com a plataforma Hezbolago, 2020. [7]

A partir do olhar para a cartografia afetiva e social da convivialidade na região e podendo fazer um recorte contextual para os estudos desses córregos ocultos entre estes bairros de convivência



comum, o raio de 2km a partir do lago da Aclimação satisfaz este estudo, abrangendo as nascentes vindas da região da Vila Mariana, Ana Rosa e Paraíso no declive da Bacia da Aclimação, a região do Cambuci e Glicério onde estas águas correm para o Rio Tamandateí e no declive do Jardim da Glória onde as nascentes deságuam no Riacho do Ipiranga.

As leituras e discussões realizadas pelo grupo destacam o modelo de urbanização historicamente estabelecido na cidade de São Paulo e predominante em parte significativa das cidades brasileiras. Conforme Santos (2018), em São Paulo predomina o denominado relevo uniformemente variado, caracterizado pela incidência de inúmeros morros e áreas de fundo de vale - o que o que o geógrafo Aziz Ab'Saber chamava de “mares de morros”. De acordo com Santos (2018, p.4) tal característica:

[...] impôs desafios à ocupação urbana, que na sucessão de tempos históricos, mais ou menos dinâmicos, à medida que superava as imposições geomorfológicas passava progressivamente a ignorar os processos naturais ou ecossistêmicos [...] obedecendo à uma lógica fundamentalmente capitalista competiu por ocupar cada palmo de chão.

Neste contexto, as “avenidas de fundo de vale” constituem modelo de intervenção urbanística que permitiu – seja em São Paulo ou outras cidades brasileiras - a conquista de terras para a ocupação urbana. No bairro da Aclimação identifica-se a intervenção por este modelo de canalização de córregos, desde Plano de Melhoramentos que permitiu abertura de avenida ao longo de trecho do córrego Jurubatuba - atual Av. Armando Ferrentini (Santos, 2018) [8], bem como a canalização do córrego Pedra Azul – Av. Engº Luis Gomes Sangirardi.

3. Trecho do Córrego Pedra Azul e ao longo da Rua Projetada: a primeira visita de campo

A realização da primeira visita de campo em percurso pré-definido, contemplando o levantamento prévio de informações disponíveis sobre o local, possibilita a apropriação, a partir de olhares



focalizados e troca de perspectivas, sobre as dinâmicas locais e as múltiplas territorialidades relacionada aos diversos grupos sociais, próximos geograficamente, porém, muitas vezes, distantes socialmente.

A visita no trecho que parte das proximidades da Rua Vergueiro, eixo estruturador de mobilidade e ocupação urbana conforme o Plano Diretor vigente, seguindo perpendicularmente à jusante em direção à Avenida Eng^o Luis Gomes Cardim Sangirardi, permitiu identificar processos de transformação urbana advindo da especulação imobiliária e seus impactos na paisagem local. Tais processos caracterizam-se por ignorar a geomorfologia do sítio natural, com impactos ambientais (ocupação em áreas não propícias para construção, sombreamento excessivo, etc.) e sociais diversos (gentrificação ou isolamento social – ilhas sociais).

Evidencia-se o processo de substituição do tecido a partir da especulação imobiliária, com a demolição de antigas construções, muitas de relevante interesse arquitetônico e que compunham, em certa medida, um ar bucólico da região – que passam, então, a ter em seu lugar lançamentos imobiliários, para classe média, destacando-se a tipologia de *studios* e apartamentos de 01 ou 02 dormitórios.

Pareceu perceptível aos integrantes do grupo de estudos que implantação destes empreendimentos não pressupôs uma análise ampla e sistêmica por parte da Administração Pública para sua aprovação. Supõe-se que o processo de aprovação ocorra de forma particularizada, empreendimento a empreendimento, sem observância de impactos do conjunto de empreendimentos em implantação na transformação da paisagem e da dinâmica local.

O bairro da Aclimação ainda guarda características de ocupação originada na primeira metade do século passado, com construções unifamiliares de portes variados – residências simples ou assobradadas à casarões – passa por processo de transformação no qual a tipologia de edifícios residenciais passa a predominar. Um bairro antigo no qual o perfil populacional se caracteriza por



alto número de idosos e famílias com longo histórico de relação com o bairro. É forçoso inferir que a implantação de novos empreendimentos conduz, sem devida política pública, a processos de gentrificação (Smith, 2007).



Figura 2 - Imóvel lacrado ao lado de obra em andamento e empreendimento imobiliário em obras – sobre margem de curso d’água oculto.

Fonte: GERAR, 2020.

A visita de campo também permitiu a aproximação com as multiterritorialidades (Haesbaert, 2004) constituídas no território a partir da interação e ação cotidiana de diferentes grupos sociais. Neste contexto, o percurso permitiu contato com a comunidade da denominada Favela Buracão – uma microfavela inserida num bairro de classe média, alvo, como mencionado, de processo de especulação imobiliária.



A favela Buracão origina-se de ocupação em beira córrego – hoje trecho canalizado pelo programa Córrego Limpo da Sabesp – na qual, segundo a plataforma HabitaSampa [9] existem 19 domicílios. Na visita à comunidade foi possível conhecer iniciativas dos moradores ligadas à cultura, como a Escola de Samba Primeira da Aclimação e espaços com pinturas de murais e grafites, entre outros.

Um dos pontos observados pelos membros do grupo é a percepção de que a forma de ocupação urbana parece, a partir do parcelamento e construção dos imóveis, ignorar completamente às águas urbanas. Muitas vezes, durante o percurso, identificou-se que a maior parte das casas, que parecem ser mais antigas, “dão as costas” para o curso d’água próximo – o que reforça uma forma de convivência humana de negação das águas, entendendo-as como fontes de desconforto, pragas e/ou enfermidades. Cabe destacar que tal situação evidencia-se, também, em ponto importante do percurso, nas proximidades do encontro das águas do trecho do córrego Pedra Azul com curso d’água que desagua no Lago do Parque da Aclimação.



Figura 3 - Comunidade da Favela Buracão.
Fonte: GERAR, 2020.



Figura 4 - percurso entre Favela Buracão e Avenida Engº Sangirardi.

Fonte: GERAR, 2020.

4. Córrego da Rua Maranjaí: a segunda visita de campo

O Estudo do meio realizado no Córrego da Rua Maranjaí (*Figura 5*) realizou-se também a partir de estudo prévio de seu curso, com início no “Escadão” localizado na Rua Mariano Procópio, também chamado de “Barroca” pelos moradores da região.

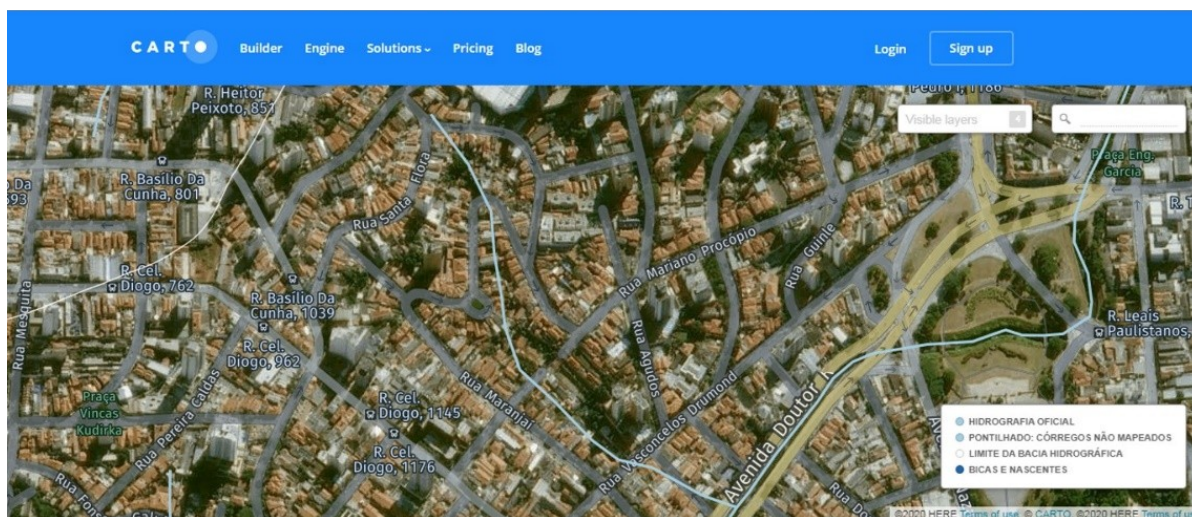


Figura 5 - Córrego da Rua Maranjaí.

Fonte: https://hezbolago.carto.com/viz/61f2d082-5c01-11e5-8050-0e73ffd62169/public_map.

A região é caracterizada por moradias de baixa renda e número considerável de cortiços, atributo esse recorrente em regiões de fundos de vale com cursos de água. Outras duas características podem ainda ser apontadas: primeiro, um certo adensamento de mata e árvores de grande porte às margens do curso d'água imprópria para construção; segundo, uma mudança no padrão imobiliário na região, com empreendimentos em desenvolvimento de edifícios de classe média, de tipologia de *studios* e apartamentos de 01 ou 02 dormitórios.



Figura 6 - Visão geral da região da Rua Maranjaí, com destaque ao “Escadão”.
Fonte: GERAR, 2020

Uma vez localizado o ponto de passagem das águas pluviais no “Escadão” de passou por recente reforma e reestruturação, em sintonia com os novos empreendimentos imobiliários, o estudo priorizou percorrer seu curso de modo a encontrar sua nascente. Ao longo do percurso, que se deu prioritariamente na Rua Maranjaí cujo forma é quase em “S” cortando dois pontos da Rua Mariano Procópio, além de direcionarmos nosso olhar para as bocas de lobo de tampas de águas pluviais, conservamos com os moradores que relataram ocorrerem cheias nos pontos de caída da Rua Maranjaí em dias de chuva intensa. Relataram também, que devido às chuvas do mês de janeiro de 2021, o ponto mais baixo do córrego, ou seja, na “Barroca” houve uma grande cheia, inundando casas, cortiços e ocasionando a queda de muros.



Figura 7 – Trecho da Rua Maranjaí com passagem da água subterrânea.
FONTE: GERAR, 2021.

Nossa caminhada, “como forma de intervenção urbana” (Careri, 2013) ao longo da Rua Maranjaí nos levou ao provável local da nascente do córrego, no encontro da Rua Monteiro com a Rua Santa Flora. Nossa busca de algum sinal que identificasse o local exato da nascente subterrânea, chamou a atenção de um morador que informou realmente haver por ali “uma grande mina” que possui algumas ramificações ao longo da descida do morro. Acrescentou ainda, que a região era repleta de cambucizeiros. Após estes esclarecimentos, caminhamos novamente, desta vez seguindo o curso natural de descida do córrego, percorrendo todo seu trajeto até o ponto em que deságua no Riacho do Ipiranga, na Avenida Ricardo Jafet.



Figura 8 - Curso d'água do Riacho Ipiranga na Avenida Ricardo Jafet.

Fonte: GERAR, 2020

5. DA PESQUISA À AÇÃO: possibilidades, limites e próximos passos

A experiência recente do GERAR aponta para possibilidades e caminhos possíveis para o engajamento e fortalecimento de construções coletivas. Porém, cabe apontar limitações identificadas a partir da experiência relatada. Um ponto fundamental foi a limitação relacionada ao contexto da pandemia do Covid-19. Se, por um lado, o próprio contexto da pandemia foi motivadora para a articulação da iniciativa pelos responsáveis pelo projeto Escola Comunitária [10], por outro, denota-se que encontros virtuais por plataformas on-line, muitas vezes, dificultam a interação e aprofundamento de vínculos entre participantes do coletivo. Entende-se que as visitas de campo, aqui descritas, possibilitaram avançar nos objetivos do grupo – engajamento, construção de conhecimento e proposição de ações pelos componentes – de forma mais efetiva.



Em outro âmbito, analisando o relativo baixo grau de resposta à chamada pública de maio de 2020 para a formação do GERAR pode-se inferir que a participação compete diretamente com as demandas individuais do cotidiano que acabam por mobilizar a maior parte das atenções dos indivíduos. Cabe ressaltar também uma percepção sobre a sociedade contemporânea neoliberal de exacerbação do interesse pelo individual – a priorização do individual em detrimento do coletivo, da competição em detrimento da colaboração, do empreendedorismo em detrimento de perspectiva de grupo sociais, ações solidárias e para o bem-comum. Neste contexto, podemos destacar, conforme Milton, o entendimento que o sistema estabelecido não propicia, a partir das relações de poder estabelecidas, que as pessoas priorizem e pensem *“[...] em qualquer interesse coletivo, em qualquer objetivo a ser buscado em conjunto com outros, mas apenas na competição com eles, e em certa medida à sua custa”* (Milton, 1910 *apud* Pateman, 1992. p.45).

Por outro lado, trabalhar em pequenos grupos pode garantir que as pessoas participem de forma mais equilibrada, experimentando novas possibilidades de ação e aprendendo através delas gerando mais qualidade nas relações, nas construções e na convivência de forma livre e cooperativa.

As plataformas digitais existentes que abordam as temáticas dos rios e bacias fluviais (Herzbolago e Geosampa) permitiram ao GERAR, consultar, conhecer, entender, localizar e experienciar os locais do escopo da pesquisa, apresentando-se como ferramentas gratuitas e de interesse público acessível a todo cidadão com acesso à internet. Também o sistema de informações geográficas QGIS, constituído a partir de plataforma colaborativa e *opensource* é um instrumento de bastante utilidade e aplicabilidade para estudos territoriais.

Um outro ponto a ser destacado, diz respeito às propostas de médio prazo intencionadas inicialmente pelo GERAR, ou seja, a realização de intervenções pedagógicas (lambe-lambe, stencil e placas) com o objetivo de sinalizar a existência das águas urbanas nas áreas estudadas, como



forma de contribuir para formação de um engajamento crítico da população, voltado para a preservação e, futuramente, regeneração dessas águas. Devido ao prolongamento e agravamento da pandemia, estas *Sinaliza-ações* tiveram de ser temporariamente adiadas.

Como as nascentes, minas e córregos dentro do raio de 2 quilômetros a partir do lago do Parque da Aclimação, se localizam nos bairros onde os esgotos irregulares diminuíram na última década, existem chances de despoluir a Bacia Hidrográfica da Aclimações e região com empenho da comunidade e órgãos responsáveis e também contribuir para que a qualidade das águas melhore seguindo seu curso para os Rios Tamanduateí e Rio Tietê.

E se as comunidades de cada bairro se unirem para regenerar e renaturalizar suas águas ocultas que fazem parte de um curso maior de águas? Seria possível também, a partir das águas, contribuir com as lutas contra exploração e a favor da redução das desigualdades socioambientais?

Diversas iniciativas sobre a temática dos córregos ocultos e rios poluídos estão emergindo pelos bairros e cidades promovendo uma conscientização e mobilização sobre a questão hídrica que é tão complexa para uma sociedade capitalista que tem o lucro como prioridade mesmo quando se está chegando ao colapso civilizatório com o esgotamento dos recursos naturais por tanta exploração, uso predatório e ganância.

*Água do meu Tietê,
Onde me queres levar?
- Rio que entras pela terra
E que me afastas do mar...
É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável
Da Ponte das Bandeiras o rio
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.
É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,*



*Soturnas sombras, enchem de noite de tão vasta
O peito do rio, que é como si a noite fosse água,
Água noturna, noite líquida, afogando de apreensões
As altas torres do meu coração exausto. De repente
O óleo das águas recolhe em cheio luzes trêmulas,
É um susto. E num momento o rio
Esplende em luzes inumeráveis, lares, palácios e ruas,
Ruas, ruas, por onde os dinossauros caxingam
Agora, arranha-céus valentes donde saltam
Os bichos blau e os punidores gatos verdes,
Em cânticos, em prazeres, em trabalhos e fábricas,
Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma
Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.
E se aclama e se falsifica e se esconde. E deslumbra.
Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,
Está negro. As águas oliosas e pesadas se aplacam
Num gemido. Flor. Tristeza que timbra um caminho de morte.
É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado
É um rumor de germes insalubres pela noite insone e humana.
Meu rio, meu Tietê, onde me levas?
Sarcástico rio que contradizes o curso das águas
E te afastas do mar e te adentras na terra dos homens,
Onde me queres levar?...
Por que me proíbes assim praias e mar, por que
Me impedes a fama das tempestades do Atlântico
E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?
Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,
Me induzindo com a tua insistência turrone paulista
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio!...*

*(trecho da poesia de Mário de Andrade “A meditação sobre o Tietê”, sugestão do Alef Adrian –
membro do GERAR)*



Bibliografia

BOOKCHIN, Murray. (2007 [1993, revisado em 1996 e 2001]): What is Social Ecology? In: **Social Ecology and Communalism**. Oakland e Edimburgo: AK Press.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar com prática estética**. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo, Editora G. Gili. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação - II^a Série**, Número 1, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade – Um Debate**. UFF, 2004.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Assembly: a organização multitudinária do comum**. Tradução de Lucas Carpinelli, Jefferson Viel. São Paulo, Editora Filosófica Politeia, 2018.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Centauro Editora. São Paulo, 2008.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

SANTOS, Fabio Pereira dos. **Morte e Vida de Rios na Grande Cidade**. V Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (V Enanparq). Salvador, 2018.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**, Edusp, 1997.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ambientes e territórios: uma introdução à ecologia política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 21, pp. 15 - 31, 2007.

TORRES, Rosa Maria. **Comunidade de Aprendizagem: A educação em função do desenvolvimento local e da Aprendizagem**. (s/d). Instituto Fronesis. Disponível em: http://files.comunidade24-7.webnode.com/200000015-f17b4f2755/Comunidade_de_Aprendizagem.pdf.



TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.



Plataformas Digitais

Geosampa: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx.

Herzbolago – Mapa Digital: https://hezbolago.carto.com/viz/61f2d082-5c01-11e5-8050-0e73ffd62169/public_map.

QGIS: <https://qgis.org/en/site/>

Recebido em: 20/03/2021

Aceito em: 15/04/2021



- [1] Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Singularidades, graduanda em Artes Visuais pela Universidade de Taubaté e professora na E.E. Dr. Murtinho Nobre. E-mail: fernandarubiohc@yahoo.com.br.
- [2] Graduado em História (PUC-Campinas), em Filosofia (USP) e mestrando em História Social pela FFLCH-USP. E-mail: pedro.stevolo@gmail.com.
- [3] Arquiteto Urbanista, mestre em Planejamento e Gestão do Território pela UFABC. E-mail: fabio.psantos@gmail.com.
- [4] Para saber mais: <https://linktr.ee/escolacomunitaria>.
- [5] “(...) em primeiro lugar, o comum é definido em contraste com a propriedade, tanto privada quanto pública. Não é uma nova forma de propriedade. É, em vez disso, *não propriedade*, isto é, um meio fundamentalmente diferente de organizar o uso e a gestão de riqueza. O comum designa uma estrutura igualitária e aberta para o acesso à riqueza combinada com mecanismos democráticos de tomadas de decisão. Mais coloquialmente, pode-se dizer que o comum é o que compartilhamos ou, antes, uma estrutura social e uma tecnologia social para o compartilhamento. (Hardt & Negri, 2018, p.132).
- [6] Grupo do GERAR no Facebook: <https://www.facebook.com/groups/284514319340757>.
- [7] Fonte: https://hezbollaho.carto.com/viz/61f2d082-5c01-11e5-8050-0e73ffd62169/public_map.
- [8] Ver lei municipal nº 4096 de 1951 e decreto nº 5263 de 1961 (Santos, 2018).
- [9] <https://mapa.habitasampa.inf.br/>.
- [10] Fernanda Eiras Rubio, pedagoga e arte educadora, responsável pela concepção do projeto Escola Comunitária.